

PAUL HOFFMAN

O BRAÇO ESQUERDO  
DE DEUS

Tradução de Mário Dias Correia

# 1

Escutem. O nome do Santuário dos Redentores, em Shotover Scarp, é uma mentira infame, pois lá ninguém encontra santuário e muito menos redenção. A região que o circunda é uma terra de arbustos espinhosos e magras ervas daninhas e mal se nota a diferença entre o Verão e o Inverno, o que quer dizer que está sempre um frio de morte seja qual for a época do ano. O Santuário propriamente dito é visível a quilômetros de distância, isto quando uma densa e suja cortina de nevoeiro cinzento o não esconde, o que é raro, e foi construído com pedra, cimento e farinha de arroz. A farinha torna o cimento mais duro do que a rocha e é uma das razões por que a prisão, pois é verdadeiramente disso que se trata, resistiu às inúmeras tentativas de cerco, tentativas hoje consideradas tão inúteis que há já muitos séculos ninguém arrisca o esforço de tomá-la de assalto.

É um lugar fétido e imundo que ninguém, excepto os Redentores, habita por livre e espontânea vontade. Quem são, então, os seus prisioneiros? Esta não é a palavra certa para designar os que são levados para Shotover, porque falar de prisioneiros sugere a existência de um crime, e nenhum deles violou qualquer lei feita por Deus ou pelo homem. Também nenhum deles se parece com qualquer outro prisioneiro que alguma vez tenham visto. Os que ali chegam são todos rapazes com menos de dez anos. Dependendo da idade com que entram, poderão passar mais de quinze anos antes que voltem a sair, e só metade o fará pelo seu pé. A outra metade terá entretanto saído envolta num sudário de

serapilheira azul para ser enterrada no campo de Ginky, um cemitério que começa logo junto às muralhas. Este cemitério é enorme, estendendo-se até onde a vista alcança, o que dá uma ideia do tamanho de Shotover e de quão difícil é manter-se vivo dentro das suas paredes. Ninguém conhece totalmente o vasto edifício, e é tão fácil uma pessoa perder-se nas voltas e contravoltas dos seus intermináveis corredores como na mais densa floresta. Não há diferenças, qualquer deles é praticamente igual a todos os outros: castanho, escuro, lúgubre e a cheirar a coisas velhas e rançosas.

Num desses corredores, um rapaz, que segura nas mãos um saco azul-escuro, espreita por uma janela. Terá talvez catorze ou quinze anos. Não sabe ao certo, ninguém o sabe. Esqueceu o seu verdadeiro nome, pois todos os que ali entram são rebaptizados com o nome de um dos mártires dos Redentores, e desses há um número incontável porque, desde tempos imemoriais, todos aqueles que não conseguiram converter lhes votam um ódio de morte. O rapaz que espreita pela janela chama-se Thomas Cale, embora ninguém use o seu primeiro nome, e, ao espreitar pela janela, está a cometer um gravíssimo pecado.

O que o atraiu para a janela foi o barulho do Portão Noroeste a ranger, como sempre rangia nas raras vezes em que era aberto, uma espécie de gemido que fazia lembrar um gigante com joelhos artríticos. Viu dois Senhores, encapuzados nas suas sotainas negras, passar o umbral e mandar entrar um rapazinho com cerca de oito anos, seguido por outro um pouco mais novo e outro ainda. Cale contou vinte, no total, antes de um segundo grupo de Redentores encerrar o cortejo e o portão começar lentamente a fechar-se, com o mesmo gemido de articulações emperradas.

A expressão de Cale mudou quando se debruçou sobre o peitoril para ver a paisagem que se estendia para lá do portão, as Scablands. Só estivera fora das muralhas do Santuário em seis ocasiões desde que para lá fora levado, havia mais de uma década – fora ele, dizia-se, a criança mais nova que alguma vez passara aquele portão. Nessas seis vezes, fora vigiado como se a vida dos seus guardas dependesse disso (como de facto dependia). Se tivesse falhado em qualquer dessas seis provas, pois era disso que na realidade se tratava, teria sido imediatamente morto. Da sua vida anterior, nada recordava.

Quando o portão acabou de se fechar, voltou a observar o grupo de rapazes. Nenhum deles era gordo, mas todos tinham o rosto arredondado das crianças pequenas. E todos contemplavam, de olhos muito abertos, a enorme fortaleza, o seu tamanho descomunal, as suas altas muralhas, mas, apesar de espantados e intimidados pela estranheza do lugar, não pareciam assustados. O peito de Cale encheu-se de emoções profundas e estranhas a que não saberia dar nome. Mas, apesar de estar absorto nelas, o seu talento para manter um ouvido atento ao que o rodeava salvou-o, como tantas vezes acontecera no passado.

Afastou-se da janela e continuou a caminhar pelo corredor.

– Tu! Espera!

Cale deteve-se e deu meia-volta. Um dos Redentores, gordíssimo e com pregas de carne a pender por cima do colarinho da sotaina, estava de pé no umbral de uma das portas que davam para o corredor e da qual saíam nuvens de vapor e uma mistura de estranhos sons. Cale olhou para ele, sem que a expressão se lhe alterasse.

– Aproxima-te, para que eu te veja.

O rapaz obedeceu.

– Ah, és tu – disse o Redentor gordo. – Que estavas ali a fazer?

– O Senhor da Disciplina mandou-me levar isto para o tambor – respondeu Cale, mostrando o saco azul que carregava.

– Que disseste? Fala mais alto!

Cale sabia, claro, que o Redentor era surdo de um ouvido, e falara baixo deliberadamente.

Repetiu o que dissera, mas desta vez aos gritos.

– Estás a tentar ser engraçado, rapaz?

– Não, Redentor.

– Que estavas a fazer junto à janela?

– À janela?

– Não queiras fazer de mim parvo. Que estavas a fazer?

– Ouvi o Portão Noroeste abrir-se.

– Ah, ouviste? – A notícia pareceu distraí-lo. – Chegaram mais cedo que o previsto – resmungou, irritado, e voltou-se para o interior da cozinha, pois aquele homem gordo era o Senhor das Vitualhas, responsável pela cozinha de onde saíam as lutas refeições dos Redentores e o quase nada que os rapazes comiam. – Mais vinte para o jantar! – gritou para o

vapor malcheiroso que se enovelava nas suas costas. – Estavas a pensar, enquanto estiveste à janela? – perguntou, voltando-se de novo para Cale.

– Não, Redentor.

– Estavas a sonhar acordado?

– Não, Redentor.

– Se volto a apanhar-te a rondar, Cale, mando esfolar-te. Ouviste o que eu disse?

– Sim, Redentor.

O Senhor das Vitualhas deu meia-volta e começou a fechar a porta. Nesse instante, Cale disse em voz baixa, mas suficientemente alto para quem não fosse meio surdo percebesse as palavras:

– Espero que te afogues na tua própria banha, monte de trampa.

A porta fechou-se com estrondo e Cale afastou-se pelo corredor, arrastando atrás de si o pesado saco. Demorou quinze minutos, quase sempre a correr, a chegar ao tambor, situado no extremo de uma curta passagem. Chamava-se o tambor porque era o que parecia, se se ignorasse o facto de ter um metro e oitenta de altura e atravessar perpendicularmente uma parede de tijolos, mostrando apenas a metade exterior. Do outro lado do tambor havia um lugar isolado do resto do Santuário onde, dizia-se, viviam doze monjas que cozinhavam exclusivamente para os Redentores e se encarregavam de lavar-lhes a roupa. Cale não sabia o que era uma monja e nunca vira nenhuma, apesar de, de tempos a tempos, falar com uma delas através do tambor. Não sabia o que diferenciava as monjas das outras mulheres, das quais raramente se falava, e sempre com asco. Com duas excepções: a Sagrada Irmã do Redentor Enforcado e a Bem-Aventurada Imelda Lambertini que, com onze anos, morrera de êxtase durante a primeira comunhão. Os Redentores não explicavam o que era o êxtase e ninguém era suficientemente tolo para perguntar. Cale empurrou o tambor, que rodou sobre o eixo revelando uma ampla abertura. Atirou o saco azul lá para dentro e deu-lhe outro empurrão, após o que bateu com a palma da mão num dos lados, fazendo-o ecoar. Aguardou trinta segundos e então uma voz abafada perguntou do outro lado da parede:

– O que é?

Cale encostou a cabeça ao tambor para se fazer ouvir, os lábios quase a tocar a superfície metálica.

– O Redentor Bosco quer isto pronto amanhã de manhã – gritou.

– Porque não veio com o resto?

– Como diabo quer que saiba?

Um grito agudo de raiva abafada soou do outro lado.

– Como te chamas, cachorro insolente?

– Dominic Savio – mentiu Cale.

– Muito bem, Dominic Savio. Vou fazer queixa de ti ao Senhor da Disciplina, e ele manda-te esfolar.

– E eu ralado.

Vinte minutos mais tarde, Cale estava de volta ao gabinete de treino do Senhor da Milícia. Estava deserto, à excepção do próprio Redentor, que não ergueu os olhos nem deu qualquer indicação de o ter visto. Continuou a escrever no seu livro durante mais cinco minutos antes de falar, ainda sem erguer o olhar.

– Porque demoraste tanto?

– O Senhor das Vitualhas deteve-me no corredor da muralha exterior.

– Porquê?

– Porque ouviu um barulho lá fora, acho eu.

– Que barulho? – O Senhor da Milícia olhou finalmente para Cale. Os olhos dele eram pálidos, de um azul quase deslavado, mas perspicazes. Muito pouco lhe escapava. Na realidade, nada lhe escapava.

– Estavam a abrir o Portão Noroeste para deixar entrar os novos. Ele não os esperava hoje e acho que ficou chateado.

– Cuidado com a língua – avisou o Senhor da Milícia, mas de uma forma suave para os seus padrões rígidos. Cale sabia que ele desprezava o Senhor das Vitualhas, e por isso julgara menos perigoso falar daquela maneira referindo-se a um Redentor.

– Interroguei o teu amigo a respeito do rumor de que tinham chegado.

– Não tenho amigos, Redentor – respondeu Cale. – São proibidos.

O Senhor da Milícia riu baixinho. Não foi um som agradável.

– Por esse lado, não tenho razões para me preocupar contigo, Cale. Mas se preferes assim... o louro escanzelado. Como é que lhe chamam?

– Henri.

– Sei o nome dele. Vocês dão-lhe uma alcunha.

– Chamamos-lhe Henri Vago.

O Senhor da Milícia riu, mas dessa vez houve no seu riso um eco de boa disposição comum.

– Muito bem achado – disse, aprovador. – Perguntei-lhe a que horas os novos tinham chegado e ele disse que não tinha a certeza, algures entre as oito e as nove badaladas. Perguntei-lhe então quantos eram e ele respondeu que quinze, ou à volta disso, mas que podiam ser mais. – Olhou Cale nos olhos. – Apliquei-lhe uns açoites, para o ensinar a ser mais específico, de futuro. O que é que achas?

– A mim tanto se me dá, Redentor – respondeu Cale, numa voz átona. – Mereceu o castigo que recebeu, fosse ele qual fosse.

– A sério? É gratificante saber que é essa a tua opinião. A que horas chegaram?

– Um pouco antes das cinco.

– Quantos eram?

– Vinte.

– Que idades?

– Nenhum com menos de sete. Nenhum com mais de nove.

– De que género?

– Quatro mezos, quatro uitlanders, três folders, cinco mestiços, três miamis e um que não sei.

O Senhor da Milícia resmungou, como se o facto de todas as suas perguntas terem sido respondidas com tanta exactidão mal bastasse para o satisfazer.

– Vai para o quadro. Preparei um problema para ti. Dez minutos.

Cale dirigiu-se a uma grande mesa, com seis metros por seis, sobre a qual o Senhor da Milícia estendera um mapa que pendia ligeiramente dos lados. Era fácil reconhecer algumas das coisas que lá estavam desenhadas – colinas, rios, bosques –, mas, sobre o restante, havia uma quantidade de pequenos blocos de madeira com números ou hieróglifos, uns postos por ordem, outros aparentemente dispersos ao acaso. Cale olhou para o mapa durante o tempo que lhe fora concedido e no fim levantou a cabeça.

– Então? – disse o Senhor da Milícia.

Cale começou a dispor a sua solução.

Acabou vinte minutos mais tarde e manteve as mãos estendidas à sua frente.

– Muito engenhoso. Impressionante, mesmo – disse o Senhor da Milícia, e qualquer coisa mudou nos olhos de Cale. Então, com extraordinária rapidez, o Senhor da Milícia fustigou a mão esquerda do rapaz com um cinto de couro cravejado de tachas pequenas mas grossas.

Cale estremeceu e cerrou os dentes para não gritar de dor. Mas logo a seguir o seu rosto recuperou a expressão de frieza atenta que, naqueles dias, era tudo o que o Redentor via dele. O Senhor da Milícia sentou-se e observou o rapaz como se fosse um objecto interessante mas ao mesmo tempo insatisfatório.

– Quando vais aprender que ser inteligente, original, é apenas o teu orgulho a controlar-te? A tua solução talvez resulte, mas é demasiado arriscada. Sabes muito bem qual é a resposta comprovada para este problema. Na guerra, um êxito modesto é sempre melhor do que um brilhante. É bom que aprendas a compreender porquê. – Bateu furiosamente com o punho no tampo da secretária. – Acaso esqueceste que um Redentor tem o direito de matar imediatamente qualquer acólito que faça uma coisa inesperada?

Voltou a esmurrar a secretária, levantou-se e cravou em Cale um olhar furioso. Pingava sangue, não muito, dos quatro buracos abertos na mão esquerda do rapaz, ainda estendida.

– Ninguém te teria tolerado o que eu te tolero. O Senhor da Disciplina anda de olho em ti. Gosta de dar um exemplo, de tantos em tantos anos. Queres acabar como um Auto-de-Fé?

Cale continuou a olhar em frente e não disse nada.

– Responde!

– Não, Senhor.

– Julgas-te necessário, rapazinho inútil?

– Não, Senhor.

– Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa – disse o Senhor da Milícia, batendo três vezes com a mão no peito. – Tens vinte e quatro horas para pensar nos teus pecados, e em seguida humilhar-te-ás perante o Senhor da Disciplina.

– Sim, Redentor.

– Agora sai.



Cale deixou cair os braços e encaminhou-se para a porta.

– Não sujes a esteira de sangue – disse o Senhor da Milícia, nas costas dele.

Cale abriu a porta com a mão direita e saiu.

Sozinho no seu gabinete, o Senhor da Milícia ficou a ver a porta fechar-se. Quando ouviu a lingueta do trinco encaixar com um estalido, a expressão de raiva mal contida que tinha no rosto foi substituída por uma outra, pensativa e curiosa.

No corredor, Cale deteve-se por um instante na horrível luz acastanhada que tingia tudo no Santuário e examinou a mão esquerda. Os ferimentos não eram profundos, porque as tachas do cinto tinham sido concebidas para causar uma dor intensa sem provocar feridas que demorassem demasiado tempo a sarar. Fechou a mão e apertou, sacudindo a cabeça como se um pequeno tremor se agitasse bem fundo no interior do crânio enquanto o sangue pingava pesadamente para o chão. Abriu então os dedos e, na débil claridade que era quase uma penumbra, uma expressão de indizível desespero invadiu-lhe o rosto. Desapareceu no instante seguinte, e Cale afastou-se em direcção ao fundo do corredor.

Nenhum dos rapazes do Santuário sabia quantos eram. Havia quem dissesse que pelo menos dez mil, número que aumentava todos os meses. E este aumento era o tema de quase todas as conversas. Mesmo entre os que se aproximavam dos vinte anos havia a convicção unânime de que, até cinco anos antes, o número, fosse ele qual fosse, se mantivera estável, mas que, a partir daí, houvera um crescimento. Os Redentores estavam a fazer as coisas de um modo diferente, o que era em si mesmo uma coisa estranha e um mau sinal: o hábito e a conformidade com o passado eram para eles como o ar para aqueles que respiram. Todos os dias deviam ser iguais ao dia seguinte, todos os meses deviam ser iguais ao mês seguinte. Nenhum ano devia ser diferente de qualquer outro ano. Agora, porém, o grande aumento do número de rapazes exigia mudanças. Os dormitórios tinham sido equipados com beliches duplos, e até triplos, para acomodar os recém-chegados. O serviço divino era celebrado em horários diferenciados para que todos pudessem rezar e impregnar-se diariamente dos símbolos contra a maldição. E as refeições